

LITERATURA SURDA: ANALISANDO AS MÃOS LITERÁRIAS DO I SARAU ARTE DE SINALIZAR¹

Deaf Literature: analyzing the literary hands of the I Sarau Arte de Sinalizar

Cláudio Henrique Nunes Mourão²

Bruna da Silva Branco³

RESUMO

Neste artigo, são apresentados e registrados vários gêneros literários oriundos de artistas surdos brasileiros no evento cultural "Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia", que ocorreu em Porto Alegre – RS, vinculado ao projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse evento, que aconteceu em 24 de abril de 2017, as apresentações dos respectivos artistas foram filmadas e gravadas, gerando assim a pos-

ABSTRACT

This paper discusses deaf literary production in different genres based on material from the cultural event "Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia", a poetry evening with presentations in the Brazilian Sign Language (Libras) by Brazilian deaf participants on the themes of narrative, humor and poetry. The event in question, which

¹ Este artigo é a segunda parte do artigo *Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia*, publicado no volume 24, ano 15, número 1, 2018, da revista *ECOS*, no qual os autores tratam das experiências, significações, questões práticas que os ajudaram a conceber o evento ocorrido no bar noturno, Bar Pub Peppers, em 24 de abril de 2017, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; claudiomourao@gmail.com.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Polo Presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

sibilidade de escolha de três vídeos para análise entre os temas prosa e poesia em língua de sinais, conectados à história da literatura surda brasileira. No ato performático são os conceitos dos elementos literários que se evidenciam em função do povo surdo, para manutenção da tradição em forma de contação das experiências dos sujeitos surdos, compartilhados com a literatura surda e os estudos surdos.

took place on April 24, 2017 in the city of Porto Alegre, RS, Brazil, is part of an extension project of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Brazil. In every edition of the event, all the presentations are video recorded, thus compiling a database, which then allowed us to select three presentations within the genres prose and poetry, connecting to the history of Brazilian deaf literature. The results of the analysis show that, by every sign language presentation, concepts of deaf literature come into view and this way, through deaf subjects and their telling of experiences, the project pushes forward this tradition and facilitates the sharing and production of deaf literature and deaf studies.

PALAVRAS-CHAVE

Língua de Sinais; Literatura Surda; Poesia; Sarau.

KEYWORDS

Brazilian Sign Language; Deaf Literature; Poetry; Sarau Arte de Sinalizar.

Introdução

Este artigo é a materialização dos vídeos que foram apresentados no “Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia”, vinculado ao projeto de extensão “Arte de Sinalizar”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seu objetivo consiste em dar continuidade à análise das produções das mãos literárias dos sujeitos surdos e vinculá-las aos estudos históricos da literatura surda. Para exemplificar, existem mãos literárias encontradas em textos literários, mas optamos em trabalhar e analisar os autores em seus atos performáticos de narrativa e poesia, que estão relacionados à história dos surdos do Brasil e do mundo.

Na história da literatura brasileira, em decorrência da oralidade e das escritas realizadas por vários autores brasileiros, renomados surdos brasileiros foram vítimas de desconhecimento e até de apagamento da história da Literatura Surda Brasileira. Esse fato leva a nação brasileira ao desconhecimento não somente da língua, mas também da comunidade surda, ou seja, da nação surda. Contudo, os sujeitos surdos permaneceram sinalizando por vários séculos, nos mais diversos contextos do povo da língua falada ou oral. Da mesma forma, continuaram cultivando em língua de sinais suas narrativas, contos, fábulas, anedotas, histórias, crônicas, poéticas, humor e ainda, produzindo outros elementos literários (configurações de mão, simetrias, ritmos, duetos, etc), em coadjuvação a célebres mestres e artistas surdos (MOURÃO, 2011 e 2016; QUADROS, SUTTON-SPENCE, 2006; KARNOPP e SILVEIRA, 2013).

Enquanto os sujeitos surdos recebiam a educação e aprendiam nas instituições de ensino, era comum e constante a demonstração da preocupação com sua nação surda: língua e cultura. Os sujeitos surdos não são como objetos ou seres sem perspectiva ou pontos de vista, mas sim produtores de cultura e literatura. Assim, os sujeitos surdos dotados de suas capacidades produzem narrativas sobre seus sofrimentos, lutas, dominação, preconceitos, supremacia ouvinte, enfim aspectos ora negativos, ora positivos. Ainda criam narrativas sobre seus heróis, acerca das línguas de sinais, políticas, são militantes de culturas e línguas, artes literárias e educação.

O Sarau possibilita a identificação em um lugar do espaço dessas produções, é um lugar deles, onde se faz presente a busca dos antepassados e contemporâneos. Local de resgate da história das mãos literárias, onde há produção e circulação dessas produções, como se estivessem sendo resgatadas do baú escondido no fundo do porão. Entretanto, diferentes dos ouvintes, somos seres com muitas semelhanças e permanecemos nos identificando pela nossa essência, a de ser surdo.

O Sarau abre a porta desse baú – as mãos e os olhos pulam da caixa –, leva a suscitar e encadear o pertencimento, o prestígio no espaço, no território das mãos literárias. Na receptividade dos olhos e das mãos, enquanto sujeitos ouvintes, dizemos sejam bem-vindos a nosso espaço, onde há surdos e literatura surda brasileira.

Em relação ao Sarau⁴ que acontece na região sul de São Paulo, Winkel (2010) fala sobre o interesse de outras culturas e línguas [...] “Quando você não conhece a língua, não conhece a cultura, é muito mais fácil passar com um ‘trator’ por cima. Diferente do que a arte de sinalizar oferece para a comunidade surda no que se refere ao uso do espaço cultural, à apreciação da língua, ao compartilhamento com outras experiências, bem à transmissão de conhecimentos para quem não conheça a língua de sinais”.

Winkel (2010, p. 103) complementa ainda que o sarau possibilita aprender o que o outro faz, cita que “O Sarau é um laboratório. Aqui as pessoas trazem suas criações e aprendem o gosto por ler e escrever”. Por esse enfoque, as pessoas aprendem o gosto das mãos literárias e visualiterárias, a valorização da literatura surda brasileira. A Visualiterária traz inspiração para a expressão, quanto mais a pessoa tem esse perfil visualiterário, melhor consegue se expressar através das mãos literárias. Nesse sentido, a Visualiterária flui e fomenta o desejo das leituras dos livros e o de visualizar das mãos literárias, a ampliação dos conhecimentos e os interesses por outras culturas e línguas, transformando-se no território dos livros de literaturas e culturas.

Literatura surda brasileira

A literatura surda está presente em vários gêneros literários, através dos quais adquirem a visualiterária, que transmite os significados literários, adquiridos pelos olhos do povo surdo, e produzidos e consumidos em língua de sinais, traduzidos por meio de artefatos próprios da cultura surda. (MOURÃO, BRANCO, 2018, p. 109).

Assim como Mourão e Branco colocaram na epígrafe no início, produzir o projeto Arte de Sinalizar vem a ser um modo de promover a difusão da língua de sinais pelo fortalecimento da literatura surda, que nasce e tem que começar a marca de históricos de cada narrador na comunidade surda.

Sobre os gêneros literários da literatura surda, podemos afirmar que estão conforme ‘a performance, é uma estrutura performática que se conecta

⁴ Em São Paulo, o bairro Campo Limpo, que fica na região mais periférica da cidade, é o local onde tudo começou. Inicialmente, no ano de 1995, a organização e apresentação do evento era no Bar da Vela, sempre às segundas feiras, ao final da noite alguém realizava a leitura de uma poesia. Posteriormente foi organizado o Postesia, que ocorreu entre 1997 e 1999, paralelo ocorreu também, entre os anos de 1998 e 1999 o Postura (pintura nos postes). Por volta de 2000, os Saraus já eram periódicos e desde o ano de 2004 acontecem semanalmente, todas as segundas-feiras no Bar do Binho.

aos gêneros literários’ (GOLDEMBERG, 2010; PIMENTEL; FARES, 2014). Segundo Zumthor, ao comentar sobre poética oral, a performance se traduz assim (2005, p. 89): “A voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada”.

As mãos literárias se conectam aos textos nos mais variados gêneros e performances, são narrativas e poesias em forma de ato performático, sonoridade visual (KLAMT, 2018). A performance da língua de sinais é necessariamente ligada à presença corporal em tempo real, à receptividade estética e à produção de significações, ligadas ‘à emoção estética

E a “emoção estética”, o que vem a ser? Como distinguir, em uma obra, o ingrediente estético gerador da emoção, do não estético, destituído de semelhante estímulo? Admitindo que tais indagações alcançassem alguma resposta esclarecedora, se unicamente interessa a “emoção estética”, concluiu-se que o aficionado da arte assume perante ela um comportamento passivo, de quem apenas recebe e permanece fora da realidade íntima do objeto que desencadeia a emoção. Mais ainda: a passividade ante a obra de arte permite sentir prazer, mas não conhecê-la, como deve ser o intuito último do espectador. (MOISÉS, 2012, p. 60).

Seja qual for o idioma, é preciso ter a língua para sentir a emoção. E é isso que o Sarau apresenta para a comunidade surda, para os que usam a arte de sinalizar, para que os espectadores jamais esqueçam “como a arte de sinalizar adentra aos olhos”, é um prazer. Segundo o pesquisador Mourão (2016, p. 34) é na literatura surda que podemos identificar a estética visual, que transita entre o prazer e o conforto linguístico.

Para as comunidades surdas, o empoderamento se percebe ao ensinar para a vida a cultura surda. Os surdos precisam conhecer os seus direitos, ter orgulho de serem surdos e de terem sua própria língua, como ressaltado por Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 115). Esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração.

As pesquisadoras da Literatura Surda Carolina Hessel e Lodenir Karnopp escreveram que a literatura surda faz parte da cultura surda, principalmente da língua de sinais da comunidade surda:

A cultura surda é como uma pele no corpo dos surdos, que usam suas línguas de sinais, utilizam predominantemente a experiência visual, têm seus costumes, hábitos, ideias, convivem entre si e comemoram suas datas como marcos importantes. (SILVEIRA, KARNOPP, 2013, p. 01).

Na comunidade surda há a preocupação de que os surdos possam perder o reconhecimento da valorização da língua de sinais, que é patrimônio cultural. E é objetivo da literatura surda influenciar e indicar o conforto linguístico proporcionado pela língua de sinais, como cita:

(...) nos informam, de certa forma, sobre as preocupações da comunidade surda e sua relação com o mundo não surdo, bem como ensinam sobre os valores culturais dos surdos. Por isso, é importante para o público reconhecer personagens surdos e não surdos e os valores associados a seus atributos. (SUTTON-SPENCE, 2011, p. 174).

Os autores Pimentel e Fares (2014), ao comentar sobre a voz, o corpo e a performance, relembram o pesquisador Paul Zumthor, quando fala que “O corpo é o condutor vivo e voraz onde se inscrevem todos os movimentos, cores, gestos, e sensações de toda narrativa.” Assim como na língua de sinais, o corpo está estritamente em todos os elementos dos recursos expressivos, em sensações de todas as narrativas e/ou em vários gêneros literários. No ato performático, adquirir a visualiterária, traduz algo da sensação à experiência, como um espaço de poder: língua e cultura.

A Poesia em Língua de Sinais traz significados semelhantes aos das poesias indígenas, negras e de qualquer outra língua: partilham suas próprias culturas, trazem a emoção, a felicidade, a tristeza e as experiência de vida. As línguas de sinais sempre vieram de geração em geração, como indicado por Finnegan:

(...) como todas as línguas de sinais tradicionalmente não apresentam um sistema escrito, o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é passado por meio da língua de sinais, é transmitido visualmente. (FINNEGAN, 1977 apud SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 113).

O Brasil está começando a registrar seus poemas em língua de sinais, segundo Silveira e Karnopp:

Se pensarmos no caso do Brasil, lembramos que, nas décadas de 1980 e 1990, os surdos (alguns poucos) recorriam ao registro de poemas escritos. Lentamente a situação foi mudando: alguns surdos começaram a apresentar poemas em Libras, através de traduções de poemas escritos. Posteriormente começaram a produzir poesias em Libras, o que era inédito para nós, surdos brasileiros. Atualmente, na comunidade surda, os poemas em Libras fazem mais sucesso e têm mais receptividade, mas há alguns surdos que continuam usando poesia escrita (em Língua Portuguesa) e poesia traduzida (da Língua Portuguesa para a Libras). (SILVEIRA, KARNOPP, 2013, p. 3).

É importante que fique evidente o motivo da reivindicação sobre a necessidade dos registros, para que se conserve e se acesse a história dos surdos e da literatura surda. Hoje, os avanços da tecnologia têm facilitado muito isso, pode-se gravar vídeos, fazer uso da escrita de sinais, da tradução para a escrita da Língua Portuguesa, entre outras línguas, como estratégias úteis de registrar as questões estéticas visuais. Para a compilação de dados, fizemos um apanhado dos vídeos do Sarau que aconteceu em Porto Alegre, onde 23 artistas⁵ se apresentaram no palco. Para a organização dos vídeos, foram separados em categorias, para nossa surpresa, mais de 33 títulos diferentes, incluindo vídeos com poesia, narrativa e humor, sendo que alguns apresentaram de 2 a 3 títulos.

Após a análise das categorias, contamos 16 narrativas, 14 poesias e duas performances, que faziam referência ao humor. Pode-se perceber que a narrativa e a poesia foram mais apresentadas em comparação ao humor. Para análise, escolhemos dois títulos especificamente da categoria poesia, “O touro” e “A flecha”, são histórias semelhantes e traduzem a poesia metafórica.

Antes de proceder à análise dos dados, apresento breves sínteses das histórias dos dois títulos:

Tema: “O touro”

Autores: Douglas Faggion e Arthur Fedrizzi



No ato performático, em dupla, transforma-se o corpo em mímica e incorporação do touro, o primeiro de frente, com altura do membro, expressão do rosto e do corpo de touro, respirando forte e repetidamente com as argolas balançando, como se estivesse se sentindo poderoso. Enquanto atrás dele, está a incorporação do corpo do touro, com cauda em movimento. De repente, a dupla, um à frente e outro atrás (podemos perceber que representa a cauda a balançar, com a forma de touro), as patas do touro iniciam a corrida.

⁵ Para ver os vídeos, acesse o portal da Arte de Sinalizar – Repositório Artístico. Disponível em: <www.ufrgs.br/artedesinalizar>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Os duetos, virados para que ficassem na lateral e para que pudéssemos perceber a forma de touro completa durante a corrida, repetiam assim um correndo para a frente e outro para a lateral. Mas as patas representadas em forma de touro, repetidamente, alcançavam em alta velocidade. Num momento o touro expõe sua bravura, com o corpo firme e frontal, como se o principal fosse ir em frente, com olhar bem distante, como se estivesse na sua direção algo em forma de madeira, talvez um arbusto.

Repetidamente, o touro se expressa com intensidade e continua a correr; quanto mais alta a velocidade na direção da madeira, mais o corpo incorpora a forma de duas árvores, se aproximando, como se estivesse aumentando de altura. De repente, algo grande bate em duas madeiras, fazendo-as balançar e tremer. As madeiras transformam-se, as duas conchas tremidas estão uma virada para cima e a outra voltada para baixo, significando o Congresso Nacional do Brasil. Rapidamente, a dupla de touros transforma-se em seres humanos: um deles, senta à mesa para preparar algo para assinar, enquanto o outro fica observando e esperando algo grande. Mas as tremidas voltaram, a dupla se assusta, um assina o papel sem querer, enquanto o outro pega papel o assinado e diz sinalizando: “Este documento deve ser respeitado, é Lei do dia 24 de abril de 2002, nós lutamos, nós estremecemos o planalto federal, conquista para todos os surdos, parabéns!”

Tema “A flecha”

Autor: Rimar Segala



Ato performático. Rimar comentou que tinha feito curso de arco e flecha e que compartilharia com todos. As flechas estavam em um local e ele retirou uma delas. Preparou uma para atirar e as regras diziam que poderia atirar três. O alvo estava posicionado bem distante quando ele atirou, mas a flecha

passou muito longe e ele ficou envergonhado. Ele se lembrou dos ensinamentos do seu professor sobre o posicionamento do peito e dos ombros, sobre como deveria segurar o arco e preparar a flecha. Então, preparou-se novamente, lançou a flecha, mas errou.

Ele pensou que o correto era fazer a flecha acertar o centro do alvo e que precisaria mudar algo. Pegou outra flecha, posicionando-a firmemente puxou com muita força e soltou... enquanto a flecha planava, ele se lembrou do passado, como se estivesse em um túnel do tempo, visualizando conversas em língua de sinais. Uma votação... do silenciamento da língua de sinais... surdos de mãos amarradas, sendo obrigados a oralizar... ordens para oralização... a língua resistia... oralizávamos para quem queria nos ver assim, enquanto que escondidos, sinalizávamos.

Ele volta à posição da flecha, tendo pensando em tudo isso enquanto ela seguia o seu percurso, no sofrimento do passado, no que era poder sinalizar... na comunicação bimodal... precisávamos nos unir, nos movimentar a passos fortes, enfrentar e estremecer com algo batendo em portas e paredes. De repente, a cadeira do presidente se vira como se estivesse empurrando os rostos e ele pergunta: “O que vocês querem?” e o movimento responde: “língua de sinais... língua de sinais”, enquanto tenta segurar a porta, pressionando-a até perceber que não era mais possível contê-la... o presidente aprovou a liberdade para as mãos, ouve-se gritos de alegria... de repente, a flecha atinge o centro do alvo.

No sarau, sobre os dois vídeos acima, são narradas história bem semelhantes, mas conhecemos também uma narrativa ficcional contada por Francisco Rocha, intitulada “Manifestação em Brasília – 2011”, aqui, citamos Mourão (2016), que fizera a tradução do vídeo⁶ para escrita da Língua Portuguesa.

Em um momento, o sol nasce e ilumina entre as duas torres e duas cúpulas o Palácio do Congresso Nacional, em Brasília. Local onde todos os deputados federais e senadores federais se movimentam entre votações e propostas, enquanto a Presidenta Dilma Rousseff, sentada à mesa, assina os documentos e os entrega aos funcionários... De repente, a mesa tremeu, as duas torres, as cúpulas e os prédios dos ministérios balançam, todos os prédios para cima e para

⁶ Narrada por Francisco Rocha, vídeo disponível em: <<https://youtu.be/6CMZylPrnWM>>. Acesso em: 27 out. 2019.



Fonte: página de Cláudio Mourão no site Youtube.

baixo. Os passos ao tocarem no chão tremem... A presidenta Dilma pergunta o que houve. Um funcionário vai para fora olhar o que imagina ser um terremoto, mas não, é, sim, um gigantesco dinossauro... Continuam os passos a baterem mais forte no chão, tremendo..

De repente, de longe vê-se, um pequeno movimento se transformando em uma grande multidão que se espalha em volta dos ministérios. Aos poucos seus passos se aproximam do Palácio do Planalto. A presidenta Dilma e seus funcionários, nervosos, tremem as pernas e se preparam em posição, se apresentando para os soldados dos Dragões da Independência, que seguem rumo à rampa do Palácio do Planalto. Os passos fortes que batem no chão e até levantam poeira são dos surdos ao se aproximarem da rampa onde está a presidenta.

Um líder surdo se aproxima e sinaliza: quero ver a Dilma e sinalizar uma palavra “Oi”? A presidenta Dilma, levantou o braço e com a mão tremula, tenta sinalizar “d”. O líder surdo sinalizou com a mão virada com o polegar para baixo, REPROVADA!

Dilma, tremendo e preocupada, cochichou para o intérprete de língua de sinais. O intérprete a ensinou a sinalizar “Oi”. Dilma voltou a frente aos

surdos, levantou o braço com a mão tremula, sinalizou “Oi” de forma correta. O líder surdo levantou o braço com a mão virada com o polegar para cima indicando “APROVADA”. Com expressão brava, ele sinalizou: Dilma, assina o documento para surdos. A presidente Dilma pegou papel, caneta e...

Será que presidenta Dilma vai assinar?

O vídeo sobre a manifestação em Brasília fora registrado na tese de doutorado do pesquisador Cláudio Mourão (2011), no trabalho intitulado *Literatura Surda: experiência das mãos literárias*, onde apresenta as suas experiências, que já haviam circulado e sido consumidas na comunidade surda, na área da Literatura Surda. A análise das entrevistas dos autores/artistas surdos não fez parte desse vídeo, apenas a entrevista com Francisco Rocha, que aproveitamos para a discussão, quando analisada com outras duas narrativas apresentadas no Sarau Arte de Sinalizar.

Analisando os vídeos mãos literárias

É importante salientar que os sinalizantes têm os elementos do uso da língua de sinais para formar recursos expressivos (MOURÃO, 2011), que são recorrentes e produzem efeitos estéticos e expressivos, articulados com formas artístico-literárias. Eles sinalizaram vários elementos dos recursos expressivos no ato performático ao narrar e poetizar que compreendem a história, os movimentos e as lutas e causas dos surdos, a Lei da Libras ou as manifestações dos surdos em favor da educação e da cultura surda.

Os artistas Arthur Fedrizzi e Douglas Faggion fizeram sua performance em forma de dueto. Dueto faz parte do elemento das mãos literárias (gêneros literários), mas o que significa Dueto? Os dicionários dizem que, na música, é composição para duas vozes ou dois instrumentos; duo; dupla; mas para performance em língua de sinais traz o sinalizante na performática em dupla e na narrativa ao mesmo tempo, quando usam a incorporação com animais como “Touro”, a dupla performática se apresenta em prosa poética, traduz a metáfora. Essas mãos literárias são o tipo de performance conhecido como antropomorfismo, segue:

o antropomorfismo é típico em narrativas, humor, drama e poesia em sinais. Ele desperta fortes emoções ao evocar na audiência os sentimentos que os poetas, poetisas e contadores de histórias querem comunicar. O antropomorfismo ocorre

nos sinais por meio da “incorporação” da entidade em uma espécie de performance. (SUTTON-SPENCE, QUADROS, 2019, p. 129).

Segundo Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 118), o uso poético da caracterização é também conhecido como “mudança de papel”, “personalização” ou “ação construída”. Um exemplo é o do artista Rimar Segala e sua atuação performática com os personagens. Ele fez o papel de pessoa que usa a flecha como se estivesse no túnel do tempo, em sofrimento, apresentando mudanças de personagens a cada a história. Atuação semelhante foi realizada pelo narrador Francisco Rocha, que caracterizou vários personagens e cenas (passeatas, soldado, Dilma, intérprete de Libras, dinossauro, etc.). Cito também Arthur Fedrizzi e Douglas Faggion, que fizeram papéis de touro e por fim, Douglas que fez o papel do presidente e Arthur personificou o surdo.

Eles têm a estética, como prosa e poesia, porém incluem a história e o acontecimento do movimento surdo. Em algumas performances, mostram-se os elementos dos gêneros literários da literatura surda: perspectiva múltipla, tamanho e grau, dueto, antropomorfismo, rima, simetria, uso de metáfora, entre outros elementos, que existem como objetos de estudo nos grupos de pesquisas em linguísticas, tradução e literatura, que estão relacionados aos Estudos Surdos e à Cultura Surda.

Vale ressaltar um acontecimento sobre a manifestação em Brasília no ano de 2011. Naquela época, durante a mobilização dos movimentos surdos sobre o fechamento do INES, o vídeo de Francisco Rocha foi gravado em Novo Hamburgo-RS e disseminado para divulgação nas redes sociais. Ele era diretor da Feneis-RS, líder na comunidade surda, mas o mais interessante foi o ele sinalizou no final do vídeo **“Será que presidenta Dilma vai assinar?”**.

Importa ainda falar sobre o sarau do dia 24 de abril de 2017, um dia muito especial para a comunidade surda, pois é a data em que se comemora a criação da Lei da Libras, reconhecida no dia 24 de abril de 2002. Em comemoração aos 15 anos de reconhecimento da nossa língua da comunidade surda, artistas como Arthur Fedrizzi, Douglas Faggion e Rimar Segala apresentaram prosa e poesia, que envolvem a celebração, como forma de homenagem à história da luta para essa conquista, como descrito pelas autoras Sutton-Spence e Quadros sobre produções literárias e poéticas:

As produções literárias são formas de celebração cultural, assim como de resistência às diferentes formas de opressão vivenciadas por surdos. Por meio da arte literária, os surdos manifestam seus sentimentos, assim como suas posições políticas. (SUTTON-SPENCE, QUADROS, 2019, p. 127-128).

Mourão (2011, p. 72) relata que há milhares de anos não existia escrita e as histórias circulavam somente pela oralidade, passando de geração em geração. E para que não se perdesse a história da resistência do movimento dos surdos, o povo surdo utiliza a sinalidade, tão importante na sua comunidade.

Francisco Rocha não poderia imaginar que, após a manifestação, os artistas Arthur Fedrizzi, Douglas Faggion e Rimar Segala apresentariam através de suas histórias um contexto passado de geração em geração, como uma colcha de retalhos. O motivo dessa história está nos vídeos analisados e se dá pela relação com os contextos dos movimentos e das resistências surdas. Algumas partes das cenas desse túnel de tempo são elementos de contextos históricos e escolhemos alguns relevantes que são marcas dos movimentos.

Existem inúmeras contações de histórias dos surdos. Traremos algumas cenas direto do túnel de tempo.

Existiam comunidades surdas em meio à sociedade que utilizavam línguas de sinais, alguns membros destas sabiam escrever, ler e falar, e continuavam defendendo o quanto acreditavam na riqueza da língua de sinais e da cultura surda.

Ainda no túnel do tempo, em 1880 havia escolas de surdos que utilizavam língua de sinais. Mas a história nos fala que ocorreu uma conferência internacional em Milão, na Itália, mais conhecida como Congresso de Milão de 1880, que tinha por objetivo discutir o futuro da educação para os surdos. O método do oralismo venceu e foi proibido utilizar a língua de sinais, ou seja, esperava-se que os surdos tivessem um comportamento semelhante ao do ouvinte na língua falada. Ainda, nas escolas dos surdos os professores surdos foram demitidos.

Por mais de 100 anos na educação de surdos o método oralista predominou. Enquanto os sujeitos surdos continuaram a se expressar em língua de sinais, se escondendo nos diferentes espaços dos internatos nas escolas de surdos, seja nos quartos, banheiros, corredores, pátios, bem como nos espaços externos ao internato, garantindo assim que as próximas gerações recebessem e fizessem uso da língua de sinais. Com o declínio do método de oralismo, surgiu outra forma de filosofia, conhecida como comunicação total, passeando entre a língua oral e de sinais.

Em 1999, aconteceu o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos na UFRGS, que marcou a história dos movimentos surdos, que contaram com aliados ouvintes, como professores e pesquisadores, entre outros. O evento foi organizado pelo Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos, da Faculdade de Educação da UFRGS, que teve por motivação as causas das lutas pelos direitos e políticas públicas, sobre educação de surdos, profissionais e legislação.

Em 2002, a Lei de Libras nº 10.436, por insistência, após 6 anos, conquistou o reconhecimento em nível nacional da Língua Brasileira de Sinais da comunidade surda (BRITO, 2013). Posterior a essa data, o Decreto 5.626 de 2005 conquista a obrigatoriedade da disciplina de Libras nas universidades, período também de criação do curso Letras Libras e Pedagogia Bilíngue, formação específica da área de Libras, para permitir o trabalho na disciplina Libras. Em tempo, lembrando também do Prolibras, a urgência era ter certificação, reconhecendo a fluência na língua de sinais, para se poder trabalhar na disciplina de Libras, pois nos cursos de Letras Libras e de Pedagogia Bilíngue se levaria 4 anos para ter diploma.

Em 2010, ocorria a crise no evento da Conferência Nacional de Educação – CONAE, em Brasília, DF. Dentre os participantes do evento, oito delegados eram surdos; exaustivos embates foram travados para tentar aprovar as propostas de Educação dos Surdos, e quando colocadas em votação, a maioria não foi aprovada (MOURÃO, 2011).

A partir disso, foi disseminada a notícia da crise do CONAE 2010 para todas as associações de surdos e comunidades surdas no Brasil. Após a aprovação das propostas e relatórios do CONAE 2010, os documentos foram encaminhados para o Congresso Nacional. Vale destacar também, que líderes e militantes surdos estiveram presentes no Congresso Nacional para negociar e revisar os relatórios e outros documentos, a fim de tentar recuperar as propostas do CONAE – 2010.

O ano de 2011 é lembrado como um pesadelo para comunidade surda brasileira. Espalhavam-se rumores e boatos de que o Ministério da Educação (MEC) fecharia até o final daquele ano o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Logo, todos os alunos deveriam ir para escolas inclusivas (CAMPELLO; REZENDE, 2014).

As ativistas surdas começaram a se manifestar em língua de sinais, contando o fato pelas mais diversas e possíveis redes sociais (Facebook e Youtube), e-mails, mensagens de celular, cartazes digitais, num período de 35 dias, e segundo Campello; Rezende (2014, p. 76) organizaram “uma passeata histórica”, que se realizou nos dias 19 e 20 de maio de 2011.

Muitas foram as reuniões com os senadores/estaduais no Congresso Nacional, também com o Ministro de Educação, onde havia aproximadamente 4 mil participantes, sendo a maioria surda. A manifestação dos movimentos surdos em Brasília-DF contou com passeata na rua principal que fica entre os prédios dos ministérios de Brasília, culminando no Congresso Nacional. Os líderes nacionais, tal como os políticos, os atores/atrizes, jogadores e de entretenimentos, incluindo líderes surdos de Israel, EUA e Europa, apoiaram a comunidade surda brasileira. As ativistas Campello e Rezende (2014) relatam esses fatos no artigo “Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro”:

(...) uma história que foi e ainda é uma explosão de mobilizações sem precedentes, em que surdos de praticamente todas as regiões do país foram mobilizados para defender a qualidade da educação para nossas crianças surdas. (2014, p. 72).

A partir daí, são inúmeras as narrativas e informações repassadas via redes sociais, notícias para as comunidades surdas de todos estados do Brasil, acerca dos eventos que ocorrem sobre educação e linguísticas, reuniões com políticos, cartas de repúdio contra grupos inclusivistas, profissionais de outras áreas que desconhecem as áreas de educação de surdos e outras tantas informações.

Podemos perceber nas performances apresentadas no Sarau, e aqui descritas e analisadas, a forma das prosas poéticas e metafóricas ligadas ao contexto histórico dos surdos. Para contextualizar, criamos três categorias:

1. Censurar – o modo dizer está relacionado com o controle de informações e/ou opiniões dos sujeitos surdos pelo povo surdo, visando à proteção dos interesses de um estado, saúde e educação.

2. Manifestação – o modo dizer está relacionado a uma ação de luta coletiva. A manifestação pode provocar sentimentos na comunidade surda em relação às perspectivas dos discursos políticos, que trazem o fortalecimento nas

manifestações inerentes ao espírito da cultura surda. É relevante ter um sinal para conectar a energia positivamente para luta e negociação.

3. Consideração – é o modo de dizer que está relacionado ao ato de examinar atentamente, avaliar, ponderar e refletir. É meta da comunidade surda para eliminar o audismo e/ou supremacia ouvintista. Por outro lado, um estado que respeita um povo e sua minoria linguística respeita os direitos humanos e caminha lado a lado, em apoio.

Assim, comparamos, a seguir:

Manifestação em Brasília – 2011 em forma de:

Cenas	Categoria
A mesa do presidente, duas torres, cúpulas e os ministérios tremem	Censurar
Os passos batem no chão tremendo...	Manifestação
Aproximam a rampa do Palácio do Planalto e presidente Dilma	Consideração

O Touro em forma de:

Cenas	Categoria
Touro em posse, respirando forte e repetidamente com as argolas balançando, sentindo-se poderoso	Censurar
Touro corre no campo e expõe sua bravura	Manifestação
Dilma Touro bate em duas madeiras em forma de duas conchas tremidas "Congresso Nacional do Brasil" e aprovação da legislação em Libras	Consideração

A Flecha em forma de:

Cenas	Categoria
Atirou a flecha, do início, a cena de proibição...	Censurar
A flecha continua no ritmo da velocidade, em cena luta...	Manifestação
A flecha acertou no alvo, a cena aprovação e liberdade	Consideração

Os três vídeos demonstram o ato de performance em prosa poética, significações e empoderamento. Neste sentido, transmitem os elementos esteticamente em língua de sinais, relacionando suas experiências. Segundo Ladd (apud QUADRO, SUTTON-SPENCE, 2006), utilizar a língua de sinais criativamente e como forma de arte significa um ato de empoderamento em si mesmo para um grupo linguístico minoritário oprimido.

Ao analisarmos os vídeos, vemos que demonstram de modo semelhante as censuras, transmitem prosa poética, a metáfora que está relacionada ao contexto histórico de um comportamento pelo etnocentrismo ouvintista, banido em língua de sinais há mais de um século. Na área educacional fomos ensinados a negar o ‘SER’ surdo. Como citamos anteriormente, são elementos de contextos históricos e discursivos das lutas e causas surdas.

Quanto à categoria manifestação, composta pelos três vídeos, trata-se dos que receberam educação em língua de sinais e fizeram parte da comunidade surda, acarretando assim aprendizagens históricas e políticas, que objetivam a luta pela comunidade surda brasileira. Assim, surgem também os efeitos políticos surdos organizados pelas comunidades surdas, que incluem as negociações, mãos em unidade, lado a lado, que começam a se enxergar como sujeitos oprimidos culturalmente e linguisticamente (STROBEL, 2012) .

Por fim, a categoria consideração, ao despertar os seus direitos, as políticas e as negociações, que incluem seus atos históricos e suas lutas pelo povo surdo, objetiva a valorização da língua de sinais e da cultura surda no espaço da educação dos surdos.

As mãos literárias não têm fim...

Não podemos deixar o texto de Campello e Rezende (2014, p. 77) no baú, é necessário lembrar as palavras ainda hoje:

O Instituto Nacional de Educação de Surdos é uma escola centenária, a primeira escola de surdos no País, que abrigou e educou vários dos líderes surdos de todo o País, representando o berço e resistência da língua de sinais e da cultura surda. Alunos surdos, formados no INES, no retorno às suas cidades de origem, fundaram associações de surdos, o que propiciou a formação da Identidade Linguística da Comunidade Surda aflorada por todo o país. Por isso, consideramos o INES como o berço da nossa língua de sinais e da nossa cultura surda. (CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 77).

O berço das mãos literárias traz uma história das mãos, de empoderamento aos sujeitos surdos, é quando surgem os efeitos dos elementos literários, de transmitir e produzir as significações culturais surdas.

Quanto às novas categorias, percebemo-las em forma de censurar, manifestação e consideração. As prosas poéticas estão trazendo as referências dos sujeitos surdos, registrando e manifestando as histórias do povo surdo.

Os sujeitos das mãos literárias sobrevivem em um povo surdo, trazendo no espaço o “Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia”, onde apreciam contar, recontar e recriar a produção das mãos literárias que transmitem as significações da Literatura Surda, para que sejam registradas na história. Está na hora de saber se abre um baú com riquezas das mãos literárias.

REFERÊNCIAS

BRITO, F. B. de. *O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da Língua Brasileira de Sinais* / Fábio Bezerra de Brito. Orientação: Rosângela Gavioli Prieto. São Paulo: s. n., 2013. p. 275: il., fotos.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. In: *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil, Edição Especial nº 2/2014, p. 71-92. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/06.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

GOLDEMBERG, D.; CUNHA, R. Literatura indígena contemporânea: o encontro das formas e dos conteúdos na poesia e prosa do I Sarau das Poéticas Indígenas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 117-148, jan./jun. 2010.

HESSSEL, C. S.; KARNOPP, L. Literatura surda: análise introdutória de poemas em Libras. Nonada: *Letras em Revista*, v. 2, n. 21, outubro, 2013 Laureate International Universities, Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <<https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=787&path%5B%5D=514>> . Acesso em: 17 nov. 2019.

KLAMT, M. M. *Sonoridade visual na sinalização artística em Língua Brasileira de Sinais*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 170 f.

MOISÉS, M. *A criação literária: poesia e prosa*. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação).

_____. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. Tese (doutorado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 285 f.

_____. ; BRANCO, B. da S. Sarau Arte de Sinalizar: Narrativa, Humor e Poesia. In: Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas. SILVA, A. R. da; KARIM, T. M. (Orgs.) / Cáceres: Unemat Editora, 2018. Semestral (Ref.: jan. 2018-jul. 2018) V. 24, Ano 15, n. 1 (2018). Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3041>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PIMENTEL, D. dos S.; FARES, J. A. A performance em Paul Zumthor. X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/251/233.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

QUADROS, R. M. de. *Linguística para o ensino superior*. São Paulo: Parábola, 2019.

_____; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. *Estudos Surdos I*. QUADROS, R. M. de (Org.). Petrópolis: Arara Azul, 2006, p.110-165.

STROBEL, K. L. Os sobreviventes das políticas surdas: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos na educação. In: PERLIN, G., STUMPF, M. (Orgs.). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012. p. 97-106.

SUTTON-SPENCE, R. Identificação de situação auditiva e gênero na poesia sinalizada. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 173-189.

WINKEL, J. Depoimento: Um sarau para o povo. *Comunicação & Educação*. ano XV, n. 1, jan/abr 2010, p. 103-110. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43973/47594>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*; trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Quiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.